

TITULO DA COMUNICAÇÃO

Investigação Científica em Portugal:

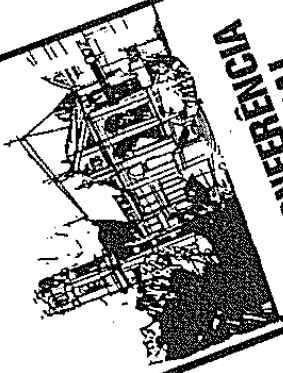
Uma Obrigação Moral para com as Ge-
rações Vindouras

NOME DO AUTOR

José Urbano, Pedro Martins e Carlos

Filhois

tema^{II}



**I CONFERÊNCIA
NACIONAL
DO ENSINO
SUPERIOR**

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM PORTUGAL:

UMA OBRIGAÇÃO MORAL PARA COM AS GERAÇÕES VINDOURAS

José Urbano, Pedro Martins e Carlos Fiolhais

Departamento de Física

Universidade de Coimbra

1. - É um facto incontestável que o país está numa situação de crise profunda que afecta quase todos os sectores da nossa sociedade. As velhas estruturas económicas, sociais e políticas que, durante mais de meio século, serviram de suporte à vida nacional, ruíram com a revolução de 25 de Abril e ainda não foram satisfatoriamente substituídas por outras adaptadas à nova realidade dela decorrente. Isto deve-se, fundamentalmente, à incapacidade, até hoje insuperada, dos principais partidos políticos conhecerem um plano global de desenvolvimento e modernização da sociedade portuguesa, que seja apoiada por todos eles e que conjegue os esforços da maioria dos nossos concidadãos.
2. - É falso dizer-se, como se ouve frequentemente, que a crise resulta da perda do império colonial ou de ser-mos um pequeno país europeu. Na verdade há países na Europa com cerca de 1/3 da área de Portugal - a Bélgica e a Holanda, por exemplo - que também perderam impérios coloniais e cujos cidadãos vivem desafiadamente, quando comparados os seus padrões de vida com os nossos. De resto num período histórico relativamente recente - durante os quase cem anos que medeiam entre a independência do Brasil e o fim da primeira guerra mundial - o nosso país viveu praticamente como se não tivesse colónias, pois os proventos que vinham do seu império africano e asiático eram relativamente reduzidos.
3. - As causas da crise actual devem procurar-se antes da inequívoca industrialização do nosso país durante o século passado. Com efeito as novas tecnologias que teriam permitido a modernização do nosso sistema produtivo nunca foram exploradas sistematicamente em todo o seu extenso e potencialidades. Por esta razão não houve necessidade de promover

ou sequer de acompanhar, o desenvolvimento científico que estava na base de tais processos. A não existência duma comunidade Científica forte, que então se poderia ter criado, marcou profundamente a posterior evolução da nossa cultura. Portugal é hoje um país de grandes poetas e prosadores, mas incapaz de produzir os meios essenciais à sua subsistência. Assim se explica que ele seja actualmente o terceiro país mais indivíduo do mundo, e com uma dívida externa em progressivo crescimento.

4. - Há quem pense que a entrada de Portugal na CEE resolverá automaticamente as nossas dificuldades económicas. Uma tal conclusão, carrega de qualquer base sólida, pois não é crível que os "europeus" estejam dispostos a assegurar graciosamente o nosso sustento. Outros dizem que a entrada de Portugal na CEE é um desafio e um estímulo à criatividade dos portugueses, que só então saberiam encontrar as soluções adequadas aos problemas que já temos e aos que adviriam dessa nova situação. Tal ideia só pode ser concebida por espíritos voluntaristas que tomam os seus desejos pela realidade e que ignoram o carácter objectivo das leis da natureza e da economia.
5. - O ciclo do crescente endividamento de Portugal perante o estrangeiro pode ser parado. O problema fundamental da nossa economia, que é o não produzirmos o suficiente para nos alimentarmos, pode ser resolvido. Para tal é necessário agir, sem ficar à espera de falsas soluções messiánicas, independentemente da desão ou não à CEE. Mas esta acção tem de ser levada a cabo, essencialmente, por nós próprios.
6. - Sendo a trama dos problemas que nos afligem extremamente complexa, é necessário identificá-los correctamente, distinguindo os fundamentais dos acessórios equacionando-os nas suas múltiplas relações e procurando resolver, em primeiro lugar as mais urgentes. Este método, para ser aplicado com sucesso, exige, além de muitas outras condições, que o país disponha de um conjunto de pessoas altamente qualificadas, o que só pode conseguir-se se houver uma florescente actividade cultural, científica e tecnológica da qual a investigação é o cerne.

7. - Para não repetirmos o erro das gerações do século passado, temos de modernizar o nosso sistema produtivo, recorrendo a novos processos tecnológicos. Devemos por isso investir decididamente na criação duma forte e dinâmica comunidade científica, que altere irreversivelmente os hábitos culturais. Só assim será possível proporcionar aos nossos filhos os meios adequados para que possam satisfazer os compromissos financeiros que vêm sendo assumidos em seu nome.

O investimento na investigação científica nacional torna-se assim uma obrigação moral para com as gerações vindouras.